



Linuca Souza

'A Luta Yanomami'

Salta na biografia de Claudia Andujar o seu compromisso com povos ameaçados

Djamila Ribeiro

Mestre em filosofia política pela Unifesp e coordenadora da coleção de livros Feminismos Plurais

Recebi de presente de um querido amigo o livro "A Luta Yanomami", de Claudia Andujar (editado pelo Instituto Moreira Salles, org. Thyago Nogueira). Andujar dedicou parte considerável de sua vida a fotografar o povo indígena na fronteira entre Brasil e Venezuela, no extremo norte da Amazônia. Além do talento, que refletiu a tradição, a comunidade, a espiritualidade, as dores e perdas pela integração forçada por proje-

tos de colonização da região implementados pelo regime militar, passando por suas próprias incursões experimentais na fotografia, salta na biografia da fotógrafa o seu compromisso com os direitos dos povos constantemente ameaçados e atacados pelos interesses predatórios do garimpo nas jazidas minerais da área, pelas doenças ocidentais e pelos governos. Fábio Cypriano, estudioso da obra de Andujar, analisa no ar-

tigo "Quando o museu se torna um canal de informação" que a exposição "Luta Yanomami" foi vista no início de um governo que se caracteriza por perseguir a causa indígena, ocupando um espaço nobre na avenida Paulista em defesa dessa causa urgente, o que foi, afinal, sempre o objetivo de Andujar. O livro, com fotos colhidas durante uma vida, que neste ano completou 89 anos, tem valor cultural inestimável e me apro-

ximou dos ianomâmis, a quem peço licença para fazer uma ligeira visita pelas imagens. Ao visitar, peço a bênção de Davi Kopenawa Yanomami, xamã, porta-voz e escritor, junto ao antropólogo Bruce Albert, da obra monumental "A Queda do Céu", livro que narra a vida de Kopenawa até se tornar líder ianomami, fazendo dessa trajetória uma incursão na espiritualidade, na visão de mundo e de conceitos a partir da

matriz de seu povo, bem como a denúncia de todos os graves ataques do garimpo na região.

É uma obra rara em um país que costuma apagar tais saberes do debate público. Ao explicar a origem de seu nome, Kopenawa, este de origem guerreira presenteado a ele pelos espíritos xapiri "em razão da fúria que havia em mim para enfrentar os brancos", explica um pouco de seu povo.

"Primeiro foi Davi, o nome que os brancos me atribuíram na infância, depois foi Kopenawa, o que me deram mais tarde os espíritos vespa. E por fim acrescente Yanomami, que é palavra sólida que não pode desaparecer, pois é o nome do meu povo. Eu não nasci numa terra sem árvores. Minha carne não vem do espermatozoides de um branco. Sou filho dos habitantes das terras altas da floresta e caí no solo da vagina de uma mulher yanomami. Sou filho da gente à qual Omama deu a existência no primeiro tempo. Nasci nesta floresta e sempre vivi nela. Hoje, meus filhos e netos, por sua vez, nela crescem. Por isso meus dizeres são os de um verdadeiro yanomami."

As palavras de Kopenawa ecoam pelo mundo. Em março, ele esteve na ONU para denunciar avanços contra os índios. O xamã denunciou o garimpo predatório sob a chancela do governo, eleito sob um discurso de ódio contra as populações originais desse país: "Essas são as palavras daquele que se faz de grande homem no Brasil e se diz presidente da República. É o que ele verdadeiramente diz: 'Eu sou o dono dessa floresta, desses rios, desse

subsolo, dos minérios, do ouro e das pedras preciosas! Tudo isso me pertence, então, vão lá buscar tudo e trazer para a cidade. Faremos tudo virar mercadoria!'. É o que os brancos acham e é com essas palavras que destroem a floresta, desde sempre. Mas, hoje, estão acabando com o pouco que resta. Eles já destruíram as nossas trilhas, sujaram os rios, envenenaram os peixes, queimaram as árvores e os animais que caçamos. Eles nos matam também com as suas epidemias."

As palavras de Kopenawa, ditas antes da eclosão da pandemia no Brasil, ganharam contornos ainda mais sombrios. Desde 2019, o país vinha apresentando retrocessos desastrosos na preservação de terras indígenas. Segundo relatório do Instituto Socioambiental, a derubada da floresta nas terras ianomami cresceu 113% no último ano, sendo que o aumento foi de 80% nas terras indígenas.

No cenário de pandemia, a situação é trágica. Somado ao desmonte em órgãos de proteção indígena, a subnotificação dos números de indígenas mortos pelo Ministério da Saúde, bem como o demorado e insuficiente plano para prevenção de contágio em comunidades indígenas e quilombolas com vetos que vão da obrigação do governo em fornecer água potável até a facilitação ao acesso ao auxílio emergencial, o governo segue com seu projeto de genocídio da população e deve ser responsabilizado, na pessoa do presidente, no Tribunal Penal Internacional, no qual está denunciado. Havendo justiça, assim será.

| DOM. Fernanda Torres, Drauzio Varella | SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QU. Marcelo Coelho | QUI. Contardo Calligaris | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Corti



ESTREIA
31/08



ELES VÃO DAR O QUE FALAR, POSTAR, CURTIR E COMPARTILHAR.

Leo Dias e Ligia Mendes vão trazer tudo sobre os bastidores do mundo das celebridades. Não perca na Panflix, no Youtube, nas redes sociais, no jovempan.com.br e, é claro, no rádio.



Tô na Pan | Segunda a Sexta às 11h30

Baixe o app e assista grátis.



